

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DE UM ACERVO PESSOAL: O CASO DO FUNDO PLÍNIO SALGADO EM RIO CLARO (SP)\***

João Fábio BERTONHA\*\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir como é construída a memória histórica a partir da formação de um arquivo pessoal. Mais especificamente, o texto trabalha com a documentação do líder político e intelectual brasileiro Plínio Salgado (1875-1975), procurando entender os mecanismos através dos quais ele moldou a sua documentação para construir a sua imagem no futuro e seus objetivos nesse sentido. Os cuidados do historiador ao trabalhar com essa documentação e com fundos pessoais em geral serão especialmente enfatizados.

**Palavras chave:** acervos pessoais, Integralismo, Plínio Salgado

**Abstract:** The objective of this paper is to discuss how the historical memory is constructed from the formation of personal archives. Particularly, the text deals with the documentation of the political leader and Brazilian intellectual Plínio Salgado (1875 – 1975), trying to understand the mechanisms by which he formed his documentation to build his image in the future and his objectives in this sense. The concerns of the historian when working with this documentation and personal funds in general are emphasized.

**Key words:** Personal collections, Integralism, Plínio Salgado

A problemática da memória e as suas múltiplas abordagens têm se tornado um tema recorrente na produção da História nas últimas décadas. A historiografia tem procurado compreender, dentro dos mais diferentes temas, como os vários agentes históricos (pessoas, classes, grupos políticos, movimentos sociais, etc.) interpretam e reelaboram o seu próprio passado, assim como a maneira com que esses agentes procuram difundir e popularizar essa memória dentro da sociedade.

A historiografia que aborda o movimento integralista não foge desse novo enfoque, com vários trabalhos tendo sido produzidos, nos últimos anos, para analisar desde a forma com que vários agentes políticos e sociais (como o Estado Novo ou a Igreja) interpretaram o movimento dos camisas verdes até a maneira como se constituiu a memória oficial (expressa nos livros didáticos e no senso comum) sobre o movimento<sup>1</sup>.

Além disso, ainda trabalhando dentro do tópico da memória, é impressionante a própria produção dos herdeiros do Integralismo e do seu sucessor pós 1945, o Partido de Representação Popular, assim como dos novos militantes contemporâneos. Efetivamente,

tanto os antigos militantes que vivenciaram o passado, como os jovens que têm dele apenas referências, procuram rememorá-lo e reinterpretá-lo da maneira que consideram verdadeira<sup>2</sup>.

Essa memória nem sempre é coerente e una. Pelo contrário. Como bem demonstrado por livro recente de Rogério Lustosa Victor<sup>3</sup>, não existe apenas uma, mas várias memórias integralistas convivendo, de forma nem sempre coerente, entre si. Assim, para os que abandonaram o movimento, como Miguel Reale, era mais fácil admitir, por exemplo, que o Integralismo era algo próximo ao fascismo. Como ele não estava mais ligado a essa memória, o passado era simples passado e assim ficava mais fácil reconhecer o erro e esquecê-lo. Para os que ainda estavam ou estão no movimento, contudo, e querem revivê-lo, a situação é mais complexa, pois o passado ainda não acabou e não pode, pois, ser superado, sob pena de colapso interno das próprias crenças.

Ainda assim, em que pese essa variação extrema, alguns pontos chave na memória integralista são mais ou menos comuns. Realmente, no que se refere ao Integralismo, foi criada, no decorrer dos anos, uma memória particular por parte dos militantes. Eles formularam uma versão própria do acontecido, esqueceram algumas coisas convenientes de ser esquecidas, remontaram os acontecimentos e o resultado é a verdade pura. Tudo o que sai desse roteiro pré-estabelecido, mesmo que seja por um milímetro, é imediatamente atacado como mentira, deturpação, má fé, etc.

Nessa memória, alguns pontos são mais importantes do que outros. Em primeiro lugar, é absolutamente essencial garantir que os integralistas não são fascistas e nunca tiveram nada a ver com o fascismo. Do mesmo modo, recusa-se a qualquer preço a idéia de que os integralistas queriam implantar uma ditadura no Brasil, que eles tiveram algo a ver com o golpe varguista de 1937 e que o *putsch* de 1938 tenha sido algo mais do que uma tentativa de reconduzir o país à democracia. Por fim, cria-se uma imagem mítica do líder Plínio Salgado. As qualidades do intelectual, do literato e do bom cristão são enfatizadas, ao mesmo tempo em que se cria uma imagem de um idealista, avesso ao poder e que só queria o melhor para o Brasil, golpeado e caluniado sem parar pelos expoentes do regime varguista e pelos comunistas. Ele teria pago um preço alto, em termos de necessidades financeiras e ataques morais, por suas idéias e seria, por isto, uma vítima de um mundo cruel, um verdadeiro paladino da virtude num mundo que não o compreendeu<sup>4</sup>.

Meu objetivo neste texto, contudo, não é trabalhar com a memória integralista em geral, mas com aquela que transparece num fundo documental particular, ou seja, o “Fundo Plínio Salgado” (FPS), abrigado no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/SP.

Este acervo se destaca pelo seu volume (cerca de 60 mil documentos), sua variedade e complexidade, compreendendo documentos e objetos do titular e dos seus familiares, material de propaganda político-partidária, originais manuscritos de livros e artigos, documentos variados da Ação Integralista Brasileira e do Partido de Representação Popular, periódicos, etc. De especial importância é a série “Correspondência”, a qual é composta de

40.970 unidades, incluindo as correspondências ativas e passivas de Plínio Salgado entre 1926 e 1975<sup>5</sup>. Um arquivo que, certamente, não contém toda a documentação recolhida e armazenada por ele em sua vida, mas que, mesmo assim, impressiona pela sua riqueza.

Realmente, se analisarmos a maneira pela qual o fundo chegou a Rio Claro<sup>6</sup>, parece evidente que, antes disso, em 1985, passou por vários locais, sendo impossível determinar o que se perdeu, o que foi considerado inconveniente e removido por pessoas que a ele tiveram acesso depois da morte de Plínio, etc. É de se elogiar eternamente, aliás, a decisão de D. Carmela Patti Salgado, viúva de Plínio Salgado, em doar o acervo a uma instituição séria e não aos próprios herdeiros do movimento, pois, nesse caso, não apenas a descaracterização do fundo poderia ser maior, como provavelmente o seu acesso seria restringido.

Esse rico material tem servido, de qualquer forma, como subsídio para as mais diferentes pesquisas relacionadas à figura do titular e a seu percurso intelectual e ideológico, como sua relação com o universo feminino ou a importância da tradição nacional no seu pensamento<sup>7</sup>. Também tem apoiado trabalhos que estudam temas como o golpe de 1964, o movimento modernista, o Estado Novo, além, é claro e preferencialmente, de estudos sobre o PRP e a Ação Integralista. Enfim, um acervo único e de fundamental importância.

Falta um pouco mais de reflexão, todavia, sobre as próprias características desse arquivo e sobre a memória que dele emana. É uma reflexão necessária tanto para pesquisadores que pretendam trabalhar com este fundo, como para todos aqueles que se proponham a pensar a construção da memória e a sua relação com a História.

Antes de tudo, convém recordar brevemente alguns aspectos da vida do titular, que podem nos ajudar a entender seus objetivos quando da construção de seu acervo pessoal. A construção de um fundo pessoal não pode, efetivamente, ser desconectada dos objetivos que seu titular tinha para ele, o que nos obriga a compreender melhor a sua própria biografia.

Plínio Salgado nasceu em 1895, em São Bento do Sapucaí/SP e era filho de um líder político local ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP). Foi nesse partido, também, que ele iniciou a sua militância política, sendo eleito deputado estadual em 1927.

Concomitantemente, teve febril atividade como escritor e intelectual, tendo participação relevante no movimento modernista e na Semana de 22. Foi também importante ensaísta, num engajamento na vida política e intelectual brasileira de enorme relevância e que só se ampliaria com a chegada dos anos 30 e a fundação da *Ação Integralista Brasileira* em 1932.

Líder do movimento integralista, Plínio Salgado se tornou figura de primeiro plano na cena política nacional. De fato, não só ele foi o “Líder Nacional” deste que foi um dos primeiros grandes movimentos de massa do país, como teve participação chave nos acontecimentos que marcaram a vida brasileira daqueles anos, como a Intentona Comunista de 1935, o *Estado Novo* de Vargas em 1937 e o golpe integralista de 1938.

Exilado por Vargas em Portugal, retornou ao Brasil nos anos 40, quando criou o *Partido da Representação Popular* (PRP), de ativa participação na política brasileira dos anos 40 a 60.

Por esse partido, foi várias vezes deputado federal e apoiou o golpe de 1964, tendo sido inclusive um dos oradores da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada em São Paulo em 19 de Março.

Como deputado da ARENA, teve voz ativa no regime militar. Também nesse período, teve um papel de relevância nos bastidores do golpe e na organização do regime, incluindo seu sistema de censura, até sua morte em 1975<sup>8</sup>.

A vida de Plínio Salgado, assim, foi extremamente rica, tanto no aspecto intelectual como político. Não espanta, assim, que ele tenha reunido um acervo tão rico e tão importante para a compreensão do período em que viveu. Uma análise seqüencial da sua documentação, revela claramente, contudo, que a sua escolha e seleção do que deveria ser preservado para a posteridade não foi nem aleatória nem neutra, mas refletiu um cuidadoso esforço de construção da memória. Ou seja, apesar do seu arquivo ter sofrido, como já indicado, algum grau de interferência por parte das pessoas que dele tomaram conta antes do encaminhamento do material para Rio Claro, a sua formatação não se deveu somente a este esforço posterior, mas também foi fruto da ação do próprio titular, nas mais diferentes fases de sua vida.

A meu ver, são três os elementos centrais que conduziram à construção do seu acervo: uma tentativa de apresentar, à História, uma imagem positiva de si e de tudo o que construiu; um esforço para acertar as contas com os seus, muitos, inimigos e, ao mesmo tempo, deixar uma explicação, para si e para os outros, do porquê de ele não ter conseguido a posição de destaque no campo intelectual e o poder que imaginava ser seu direito.

O seu fundo documental não é, assim, aquele de um cidadão comum que arquiva suas contas para referência futura ou seus tíquetes de viagem como recordação. Também não é o do intelectual que guarda os manuscritos de suas obras, as cópias das cartas dos seus Editores e as resenhas dos seus livros por orgulho próprio. Não é, igualmente, o arquivo de alguém apaixonado pela História, que quer guardar testemunhos do seu tempo para que os registros não se percam para a posteridade. O Fundo Plínio Salgado é tudo isto, mas também é mais.

Em outras palavras, parece óbvio que, em muitos momentos, Plínio guardava seus papéis para uso futuro, por curiosidade histórica e/ou para preservar a sua produção como escritor e político. Mas o que realmente está presente é uma tentativa de acertar as contas com o passado e construir a memória com que ele gostaria de ser lembrado ou, nas palavras de Renato Janine Ribeiro, de perpetuar uma identidade que se imaginava gloriosa<sup>9</sup>.

Segundo as informações do arquivo, ele não chegou até a instituição previamente organizado ou seguindo um ordenamento já previsto pelo titular, como aconteceu, por exemplo, com o de Gustavo Capanema no CPDOC. Também não há sinais de que ele tivesse interesse em utilizar o material ali constante para escrever suas memórias (ainda que alguns esboços autobiográficos estejam presentes) ou que se tivesse dedicado obsessivamente a ele para construir a sua imagem, como fez Capanema<sup>10</sup>.

Mas o próprio fato de manter um arquivo tão amplo indica claramente o esforço de Plínio de deixar uma expressão individual, uma imagem para o futuro. Ele tenta claramente construir uma unidade entre os seus vários “eus”, recompondo os vários passados e unificando-os na sua experiência de vida. Como não podia deixar de ser, esse esforço é repleto de incoerências e indefinições, pois não arquivamos nossas vidas de uma vez por todas, mas fazemos e refazemos os nossos arquivos sem parar, a medida em que nossa própria auto-imagem muda.

É possível perceber, contudo, que, para muitas pessoas, existe o que chamo de “tempo referencial”, aquele em que a pessoa vive o seu momento chave, especial e a partir do qual todas as suas experiências posteriores são comparadas ou avaliadas. No caso de Plínio, este momento é o período entre 1932 e 1938, quando esteve em evidência na política nacional. A partir daí, desse momento áureo de sua vida, toda a sua existência, anterior e posterior, foi repensada. Não espanta, assim, que a maior parte dos elementos do passado que procurou trabalhar seja referente a este período, como a recusa da classificação de “fascista”, a questão do *putsch* integralista de 1938 ou a sua relação com Getúlio Vargas. Para Plínio, o passado que nunca terminou foi o daqueles seis ou sete anos em que foi líder da AIB e toda a sua existência posterior foi reformulada a partir dessa sua experiência, o que se reflete nos papéis que acumulou.

Plínio parece ter vivido toda a sua vida política posterior em função desse seu “grande momento” e tentando continuamente recuperar seu espaço dentro da política nacional. Ele foi bem sucedido até um certo ponto (tendo sido eleito deputado federal várias vezes, um escritor reconhecido em vários círculos e desfrutando de um certo respeito em certos setores da sociedade, notadamente na direita), mas nunca voltou a ter um espaço de destaque tão acentuado como nos anos 30. Assim, parece ter tentando reverter essa derrota pela via documental, deixando registros que levassem os futuros pesquisadores a concluir o contrário, ou seja, que ele nunca saiu dos holofotes do poder.

Dessa forma, são numerosos, no seu fundo pessoal, os documentos preparados ou coletados por ele através dos quais busca deixar claro o seu papel central na história brasileira do século XX. Ele tenta passar a imagem de um líder político que estava no centro das decisões em momentos chave da história do Brasil, como durante a crise da renúncia de Jânio Quadros ou o golpe de 1964. Que ele teve algum papel, parece claro, mas o que uma análise mais refinada indica é que ele superestima claramente a sua influência nesses e em outros momentos da história da República. Centenas de documentos, por exemplo, tentam demonstrar que ele era uma força fundamental na condução dos destinos do país durante o regime de 1964. Há entrevistas nas quais diz que o “Integralismo está no poder”, listagens de militares e civis que estavam em posições de destaque no regime e que tinham sido integralistas, etc. Ora, apesar dessas redes de relacionamento darem a Plínio algum prestígio em certos círculos do regime, não há sinais de que sua influência tenha sido tão importante

assim, o que indica claramente o cuidado com que devem ser lidos e analisados os documentos que deixou.

Não obstante esse esforço, foi ficando evidente, a partir de um certo momento, que ele não estava conseguindo, efetivamente, voltar ao primeiro escalão da política nacional. Assim, seu esforço passou a se dirigir, de forma complementar ao anterior, a explicar, para si e para os outros, como isso podia ter acontecido. Assim, através dos seus papéis, emerge claramente a imagem que ele tentou construir, ou seja, a de um homem incompreendido, um grande intelectual e idealista que sacrificou a vida pelo país e que foi amado pelos que compreenderam a sua luta, mas odiado por todos os outros incapazes de pensar tão alto como ele e/ou pelos inimigos da nação brasileira, como os comunistas e a esquerda em geral. Não é este o espaço para discutir se essa imagem é real ou não. O importante é perceber que, em linhas gerais, foi essa a maneira com que ele quis ser lembrado e que aparece e reaparece continuamente em seus papéis.

A maneira com que trabalhou seu arquivo para conduzir esta batalha e formar as imagens de si que considerava dignas de serem lembradas revela muito dos mecanismos da construção da memória, não apenas a do Integralismo ou a de Plínio Salgado. Em essência, ele mantém um diálogo com as pessoas do futuro através de uma série de mecanismos, com o objetivo de responder diretamente aos críticos, deixar provas das suas posições, interpretar da maneira adequada dados e informações e, acima de tudo, selecionar com cuidado o que deveria ser esquecido.

A resposta direta aos críticos é efetivada, normalmente, pelo recurso de reunir documentos ou citações destes, aos quais ele agregava comentários escritos na margem ou em documento anexo. Do mesmo modo, não é incomum o acúmulo de recortes de jornal ou outros documentos que defendessem sua visão dos acontecimentos, numa clara tentativa de dialogar com os futuros leitores daquele material.

Mas não há dúvidas de que o recurso mais utilizado é o de não mencionar o que não é interessante e/ou eliminar todo o passado que não interessa. Como já mencionado, os contatos do Integralismo com o mundo fascista, por exemplo, apesar de perfeitamente aceitáveis nos anos 30, não eram mais convenientes para a memória construída pós 1945, o que levou à necessidade de reconstruir, fisicamente falando, o passado. Assim, por exemplo, muitos livros integralistas dos anos 30, que se desdobravam em elogios aos fascistas europeus, e a ideologia de base fascista tiveram que ter palavras ou frases inteiras substituídas nos anos 50, quando essa associação, antes meritória, se tornou depreciativa e devia ser esquecida<sup>11</sup>. Não espanta, assim, que não exista praticamente nenhuma referência, em todos aquelas dezenas de milhares de documentos, a esses contatos.

O mesmo pode ser dito das reuniões de Plínio Salgado com agentes nazistas e fascistas em Portugal, em 1942, documentados pela historiografia<sup>12</sup>, e/ou da participação deste no golpe que levou ao Estado Novo em 1937 e no *putsch* integralista de 1938. É realmente

frustrante para qualquer pesquisador abrir as pastas de correspondência ou documentos relativas a estes anos, pois, normalmente, não trazem mais do que futilidades e são incrivelmente pouco volumosas, o que indica claramente a limpeza a que foram submetidas.

Na verdade, todos os acervos pessoais ou diários têm, em maior ou menor grau, essa característica. Todo acervo pessoal é, por definição, uma seleção entre a massa de registros que forma uma vida<sup>13</sup> e, no caso de políticos, o acerto de contas com a História ou a intenção autobiográfica são preocupações comuns<sup>14</sup>. No caso de Plínio Salgado, contudo, esta questão é ainda mais evidente, pela própria biografia e psicologia deste.

Efetivamente, com a exceção do breve período do Integralismo, quando ele esteve em primeiro plano na política brasileira e quase atingiu o poder, sua trajetória é marcada por uma posição de certa marginalidade. Afinal, depois de 1945, seu espaço político, como já indicado, apesar de não desaparecer, se restringiu notavelmente, com ele se transformando em mais um dos políticos do período populista que depois se uniriam ao regime militar.

Essa posição menos importante incomodava bastante a Plínio, cujo fundo está repleto de reflexões e observações relacionadas ao seu lugar na História e de como este lugar especial teria sido negado a ele pela canalhice de Getúlio Vargas, pelos comunistas, etc. Além disso, no decorrer da sua vida, Plínio colecionou uma quantidade imensa de inimigos, os quais o demonizavam e atacavam nos mais diversos locais.

Assim, Plínio, bem como seus aliados e adeptos, tentou responder a seus inimigos utilizando os mais diversos meios, como jornais, entrevistas, etc. Também procurou levar a sua versão dos acontecimentos para o domínio público, como fez, por exemplo, nas sessões da Câmara em 1959 ou 1972, quando tentou incluir, sem sucesso, os mártires integralistas na galeria de heróis da nação e o Manifesto de 1932 na lista de datas históricas nacionais. Seu acervo pessoal, contudo, se revelou campo de batalha central nesse combate, como uma maneira de continuar a luta mesmo depois de sua morte.

Esse campo de batalha era especial para Plínio, especialmente, porque ele parecia temer que sua posição de relativa marginalidade o deixasse fora da memória nacional ou que, no mínimo, sua versão dos acontecimentos não sobrevivesse a ele. Afinal, um Getúlio Vargas ou Ernesto Geisel já tinham garantido, para si, um lugar na História e não precisavam se preocupar, obrigatoriamente, com sua “monumentalização”<sup>15</sup>. Já Plínio não podia ter esta certeza, o que parece tê-lo levado a um cuidado especial na construção do seu acervo pessoal, se não na organização, ao menos na seleção cuidadosa do que deveria permanecer.

De qualquer modo, apesar do arquivo de Plínio ter sido claramente ordenado para apresentar uma visão particular do passado e da História, isso não significa que os historiadores não possam olhar para ele de outros ângulos. Seja na própria organização do material, seja na observação do “lixo histórico” que ele contém (na definição de Luciana Heymann<sup>16</sup>), o historiador pode aprender muito tanto sobre o homem que selecionou e preservou todos aqueles papéis, como sobre a realidade que o cercava.

Veja-se, por exemplo, a imensa massa de cartas acumuladas por Plínio referentes a pessoas que lhe pediam ajuda e auxílio ou que lhe escreviam para elogiá-lo e indicar sua confiança nele. A idéia de Plínio ao arquivar isto era claramente a de deixar para a posteridade uma imagem de líder adorado pelo povo simples e/ou prestigiado pelos políticos e outros membros da elite. Mas, a partir daí, podemos inferir melhor como funcionavam as suas redes de relações pessoais e políticas, o que pode nos fazer compreender melhor como funcionava a cultura política da AIB, do PRP ou do próprio sistema político do Brasil no período.

Depois, numa massa documental como esta, mesmo tendo sido cuidadosamente selecionada, sempre é possível encontrar documentos e informações que fogem da memória desejada pelo titular e que permitem ao historiador, com uma análise criteriosa do documento e com a mobilização de outras fontes e do aparato bibliográfico necessário, ampliar bastante o conhecimento sobre o período e os acontecimentos vividos pelo titular.

Em resumo, o caso do fundo Plínio Salgado revela claramente o potencial e os limites dos arquivos pessoais. Potencial, pois eles conservam documentação dificilmente encontrável em outros arquivos e permitem uma reconstrução dos fatos a partir do ponto de vista de protagonistas que os viveram efetivamente. Mas limites, pois, sem o trabalho cuidadoso do historiador (investindo em outros acervos, analisando criteriosamente os documentos, etc) para evitar as armadilhas deixadas pelo titular, ele corre o risco de apenas reproduzir a memória ali preservada. E, nunca é demais recordar, o historiador não deve se limitar a reproduzir a memória, seja de quem for, mas problematizá-la e discuti-la. História e Memória são perspectivas complementares, mas não são exatamente a mesma coisa.

## Notas

\* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil".

\*\* João Fábio Bertonha é Doutor em História pela Unicamp, Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e Pesquisador bolsista do CNPq.

<sup>1</sup> Ver, entre outros, CARNEIRO, Márcia. *Família integralista: do lar à nação. Memórias de uma militante*. Monografia de graduação em História. Niterói:UFF, 1997; *Memória e integralismo: um estudo da militância no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em História. Niterói: UFF, 2002 e CHRISTOFOLETTI, Rodrigo, "Galinha Verde ou Fênix? Simbologia e intelectualidade integralista num projeto de celebração: o caso da Enciclopédia do Integralismo (1957-1964)." *Memória e Vida Social - História e Cultura Política*. 1, 1, pp. 136-148, 2001.

<sup>2</sup> O texto mais representativo, com certeza, é SALGADO LOUREIRO, Maria Amélia. *Plínio Salgado, meu pai*. São Paulo: GRD, 2001.

<sup>3</sup> VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2005.

<sup>4</sup> Ver, a respeito, BERTONHA, João Fábio. "Plínio Salgado: meu pai (resenha da obra de Maria Amélia Salgado Loureiro)". *Tempo*. 8, 16, pp. 207-211, 2004 (em co-autoria com Lídia Possas) e "Integralistas e pesquisadores do Integralismo: o embate entre História e Memória" In DOTTA, Renato Alencar et

- 
- alliii. *Integralismo: novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004, pp. 155-166.
- <sup>5</sup> COSTA, Regina Helena Moreira Riani. "O Fundo Plínio Salgado em Rio Claro" In *Op. Cit.*, pp. 7-9.
- <sup>6</sup> Idem, pp. 7-8
- <sup>7</sup> Para um trabalho que utiliza centralmente a documentação do FPS para a sua análise, ver POSSAS, Lídia. "Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38)". In GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004, pp. 257-277.
- <sup>8</sup> As informações biográficas disponíveis sobre Plínio Salgado se concentram, normalmente, em seu período integralista. Ver, por exemplo, TRINDADE, Hélgio. *Integralismo - O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974; VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. *Em busca do Sigma – Estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo: PUC/SP, 1978; BROXSON, Elmer. *Plínio Salgado and the Brazilian Integralism, 1932-1938*. Ph.D. thesis, Washington: The Catholic University of America, 1972 e CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – Forma de regressividade no capitalismo hiper tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- <sup>9</sup> RIBEIRO, Renato Janine, "Memórias de si, ou..." *Estudos Históricos*. 21, 1, pp. 5-42, 1998.
- <sup>10</sup> FRAIZ, Priscila. "A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema". *Estudos Históricos*. 21, 1, pp. 58-87, 1998
- <sup>11</sup> CALIL, Gilberto Grassi. *O Integralismo no Pós Guerra - A Formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Edicpucs, 2001.
- <sup>12</sup> SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos, 1930-1942 (O Processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985; HILTON, Stanley. "Ação Integralista Brasileira: o Fascismo no Brasil, 1932-1938." In: *O Brasil e a Crise Internacional, 1930-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 23-57, 1977 e *A Guerra Secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983 e BERTONHA, João Fábio. "Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil." *Revista Brasileira de História*, 21, 40, 2001, pp. 85-105 e *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- <sup>13</sup> ARTIÉRES, Philippe. "Arquivar a própria vida". *Estudos Históricos*. 21, 1, pp. 9-34, 1998 e HEYMANN, Luciana Quillet, "Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller". *Estudos Históricos*. 19, 1, pp. 41-66, 1997.
- <sup>14</sup> FRAIZ, Priscila. "A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema". *Op. cit.*
- <sup>15</sup> RIBEIRO, Renato Janine, "Memórias de si, ou...". *Op. cit.*
- <sup>16</sup> HEYMANN, Luciana Quillet, "Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller". *Op. cit.*